

ANDREA MURTA
DE WASHINGTON

O mundo atual não é “plano”, como insiste a imagem de uma era digital que supostamente aboliu as fronteiras geográficas da economia.

Para o urbanista Richard Florida, o cenário moderno é mais irregular: cheio de “pontas”, que concentram a atividade econômica e criativa, e “vales”, cuja desigualdade traz ameaças à ordem política global como não se via há mais de um século.

Sem reconhecer essa realidade —e seus perigos—, o planeta vem seguindo um caminho para sair da crise que, para ele, é totalmente errado.

“Há um conceito introjetado de que é preciso ressuscitar a ordem antiga e uma resistência em admitir que essa crise representa seu colapso e o nascimento de um novo capitalismo criativo, movido a conhecimento, que vai exigir novas formas de crescimento e novas instituições sociais e econômicas”, diz.

E, se souber avançar nessa nova era, o Brasil pode sair na frente.

A seguir, a entrevista que Florida concedeu à **Folha**, por telefone, de Miami.

★

Folha - O que o mundo devia estar fazendo de diferente para sair da crise?

Richard Florida - Nos países desenvolvidos, há muito comprometimento com a velha ordem industrial. Insistem no mercado imobiliário e na suburbanização como motores do crescimento econômico. Certamente nos EUA temos uma crise de pensamento econômico.

Mas acho que algumas economias emergentes —China, Índia e Brasil— estão começando a desenvolver um novo estilo, uma nova energia intelectual, e estão mais interessados em pensar de uma forma nova.

A China me parece estar tentando fazer algo similar ao que os EUA fizeram nas décadas de 1850, 1860, 1870 —ela começa a se ver como novo poder mundial e desenvolve a infraestrutura necessária para apoiar isso.

Como o sr. vê a liderança americana no pós-crise?

Não há liderança. O economista Mancur Olson (1932-1998) dizia que quando nações declinam se prendem a antigos padrões políticos e institucionais que começam a impedir o crescimento. Ele chamava isso de esclerose institucional.

O que está acontecendo nos EUA é o perfeito exemplo de esclerose institucional.

E não é apenas a divisão partidária terrível que impede qualquer avanço; a crise real é a falta de visão da esquerda. É a esquerda nos EUA —e eu sou um grande apoiador do presidente Barack Obama— que está olhando para trás.

Ela fica dizendo “se ao menos pudermos reavivar o mercado imobiliário, as manufaturas, os bancos...”, em vez de dizer “aquí está um novo capitalismo, movido a conhecimento e a ideias, vamos expandi-lo e fazer as classes médias e trabalhadores prosperarem”.

Obama é hoje um reflexo da crise de uma esquerda nascida na era industrial e que não consegue encontrar sentido na nova ordem.

No Reino Unido, o premiê David Cameron propõe entregar setores inteiros gerenciados publicamente, como educação, para cooperativas civis. Isso é coerente com sua ideia de menos intervenção “de cima para baixo”?

A era da produção de mas-

RAIO X
RICHARD FLORIDA

NATURALIDADE
Newark, Nova Jersey (EUA)

IDADE
53

FORMAÇÃO
Cientista político pela Universidade Rutgers; doutor em planejamento urbano pela Universidade Columbia

ATUAÇÃO
Diretor do Instituto Martin de Prosperidade da Universidade de Toronto



O urbanista Richard Florida

ENTREVISTA RICHARD FLORIDA

Crise marca surgimento de um novo capitalismo

Retomada econômica não ocorrerá calcada na “ordem antiga”; novo sistema será movido a “conhecimento” com foco em recursos humanos

sa e centralização, tanto em termos das autoridades econômicas como de modelos de governo central, chegou ao seu limite.

O nível adequado para inovação, produtividade e política econômica não é o governo central, mas o nível local. O nível nacional pode ter tarefas para o equilíbrio e a redistribuição.

Se Cameron e o governo britânico colocarem isso em prática de forma robusta, fará sentido.

O sr. fala sobre mover para além dos modelos de consumo atuais. Como sugere isso

para países como o Brasil, que só agora estão chegando aos níveis de consumo dos desenvolvidos?

As pessoas só falam em reavivar o consumo. Claro que é preciso um certo grau de conforto e de mobilidade. Mas a grande oportunidade para Brasil, China e outros é romper com esse modelo.

A sociedade de consumo era o perfeito estímulo econômico e geográfico para a era industrial. Agora, apenas uma fração pequena da população trabalha na produção. Mais de nós trabalhamos com o conhecimento e em serviços, e crescer de uma

forma nova vai exigir romper com o modelo [consumista] e investir em talento humano.

O outro problema que o Brasil enfrenta —os EUA também, aliás— é que esse novo modelo não existe em um mundo “plano”, mas sim terrivelmente cheio de “pontas”. Temos níveis de desigualdade geográfica e econômica como não tínhamos há mais de um século.

Essas “pontas”, que o sr. define como megacidades que atraem atividade econômica, o que têm de diferencial?

Esses lugares vêm se desenvolvendo há muito tem-

po. Considero que temos 40 megaregiões, uma das quais está no Brasil (Rio-São Paulo, que chamamos de “RioPaulo”). Elas abrigam 80% da população mundial, produzem dois terços da atividade econômica e nove de dez inovações globais. São agregadores gigantes de pessoas, indústrias, atividade econômica e atividade criativa.

O problema é que sabemos que atividade econômica realmente inovadora não se espalha. E isso está criando um mundo mais dividido.

Podemos artificialmente criar as “pontas”?

Não creio, e acho que seria um erro tentar. Mas se não fizermos algo globalmente para abordar isso, vamos ter problemas políticos.

A melhor estratégia é melhorar a vida de quem está fora dos centros. É quem trabalha em serviços que está ficando para trás. Precisamos melhorar esses empregos.

O sr. está falando de trabalhos e empregos, mas também argumenta que, quando talentos escolhem onde viver, levam em conta cultura, tolerância etc.

Sim, claro. Estamos vendo uma migração em massa de gente talentosa e criativa para as megaregiões. E outras partes do mundo estão ficando para trás. Esses lugares têm tudo. São mais abertos, mais tolerantes, têm mais empregos, mais networking. Não temos mais uma divisão Norte-Sul no mundo, mas sim entre as “pontas” e o resto.

E o que acontece com os lugares mais socialmente conservadores?

Estão ficando com mais e mais raiva. Você vê isso nos EUA. Querem voltar ao passado, não querem imigrantes, não querem gays.

Essa é a natureza da mudança que o mundo está vivendo: não é apenas econômica, mas geográfica. Estamos vendo conflitos de classe em divisões geográficas que nunca vimos antes.

Quando as “pontas” começam a ficar grandes demais a ponto de expulsar os talentos?

É um grande paradoxo. Está cada vez mais difícil viver nas megaregiões. A locomoção é difícil, o tráfego é congestionado. Há experimentos em grande escala para melhorar a vida nas megaregiões. Duas que eu diria que são as mais adiantadas são Nova York e Londres. Estão mostrando qual será o nível de competição por talentos.

É preciso aumentar a densidade dos subúrbios e fazer grandes investimentos em transporte, em ferrovias rápidas etc. O que impulsionou o desenvolvimento no passado foi o investimento em infraestrutura. E nisso a China está saindo na frente.

Como funciona a adaptação dentro dessa imigração de massa que o sr. menciona —como um estrangeiro vive entre as praias e os tiroteios no Rio?

Essas questões que você levanta sugerem que esse [segurança] é o desafio do Rio, de São Paulo e de todo o Brasil [para atrair talentos]. Nova York era uma cidade assim até pouco tempo atrás, com níveis altíssimos de violência e crime.

O Brasil é capaz de fazer isso [atrair gente criativa]. Brasil, Índia e China são os três países competindo pela próxima dominância global.

A China leva toda a atenção, mas os dois países que têm o “gene social” inovador e criador são Índia e Brasil.

A grande vantagem do Brasil é essa grande sociedade multicultural e multirracial. A energia criativa do Brasil ainda não foi totalmente utilizada.

Por que o sr. destaca a presença e a tolerância à comunidade homossexual como vitais para o sucesso econômico das megaregiões?

Sempre encarei o index gay como a última fronteira da abertura e da tolerância e da inclusão. Ainda é a grande questão de nosso tempo. Questões femininas e raciais também são importantes, mas a tolerância para os homossexuais é o último passo.

Posições polêmicas deram fama a “guru”

DE WASHINGTON

A crença de que uma vibrante comunidade gay leva uma cidade a ter mais chances de prosperar economicamente é uma das posições polêmicas que deu fama ao urbanista Richard Florida.

Em seu livro “O Grande Recomeço”, ele vê a crise econômica mundial como oportunidade para uma reorganização econômica, sustentável e inovadora, que privilegie a classe criativa.

Sua teoria gira em torno de uma ideia —a de que o setor criativo é o motor do cresci-

mento econômico. A criatividade humana substituiu matérias-primas, trabalho e capital como fonte-chave.

Segundo ele, empresas devem dar espaço e flexibilidade a pensadores inovadores. Para serem bem-sucedidas, as cidades têm de atrair muita gente com esse perfil.

Precisam ser “verdes”, limpas e abrigar grandes comunidades gays —fronteira final da tolerância, condição para a atração de talentos— e de imigrantes.

Mais conhecido nos EUA e no Canadá, Florida ficou popular após ser considerado

“guru” do governo britânico pela revista “The Economist”, no mês passado.

Florida já deu aulas em universidades como Harvard e MIT (Massachusetts Institute of Technology) e foi membro de “think tanks” (usinas de ideias) influentes como Brookings e American Enterprise Institute. Hoje tem seu próprio “think tank”, o Creative Class Group.

Hábil em construir sua imagem, o urbanista criou populares indexes para cidades criativas, boêmias e de acordo com suas populações gays e lésbicas. (AM)